

Edição v. 37
número 3 / 2018

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 37 (3)
dez/2018-mar/2019

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

O investimento na inteligência humana é a oportunidade de amanhã: entrevista com o filósofo Gilles Lipovetsky

Investment in human intelligence is tomorrow's opportunity: interview with the philosopher Gilles Lipovetsky.

MIRELLA DE MENEZES MIGLIARI

Doutora em Design pelo programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio. É professora Titular 1 e pesquisadora da ESPM-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente desenvolve pesquisa relacionada à memória do Design no Brasil, especificamente sobre marcas cariocas. E-mail: mirella.migliari@gmail.com. ORCID: 0000-0003-3444-8965.

LUCIA SANTA CRUZ

Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora adjunta da ESPM-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Coordena o Grupo de Pesquisa ESPM/CNPq. Suas pesquisas lidam com temas como história do jornalismo, memória, consumo e economia criativa. E-mail: lucia.santacruz@espm.br. ORCID: 0000-0002-5362-9967.

SANDRA SANCHES

Jornalista, jornalista, graduada pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), possui MBA em Marketing na Coppead e o Programa Executivo da Kellogg, na Northwestern University. Professora assistente da ESPM-Rio, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: sandra.sanches@espm.br. ORCID: 0000-0003-1007-2473.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

MIGLIARI, Mirela de Menezes; SANTA CRUZ, Lucia; SANCHES, Sandra. O Investimento na Inteligência Humana é a Oportunidade de Amanhã: Entrevista com o filósofo Gilles Lipovetsky. Contracampo, Niterói, v. 37, n. 03, pp. 191-205, dez. 2018/ mar. 2019.

Enviado em 29 de setembro de 2018/ Aceito em 22 de outubro de 2018.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v37i3.22853>

Resumo

Esta entrevista com o filósofo francês Gilles Lipovetsky, realizada pouco depois de sua participação em um encontro internacional no Rio de Janeiro sobre educação, aborda a importância do processo educativo na formação da sociabilidade e reflete sobre o papel pedagógico da cidade como um espaço de geração de conhecimento, ao mesmo tempo em que aponta os impactos do excesso do consumo no desenvolvimento da inteligência humana. Lipovetsky trata ainda da cidade criativa, um conceito que reforça o caráter educativo dos contextos urbanos.

Palavras-chave

Gilles Lipovetsky; Educação; Economia criativa; Cidade educativa; Consumismo.

Abstract

This interview with the French philosopher Gilles Lipovetsky, held shortly after his participation in an international meeting in Rio de Janeiro on education, addresses the importance of the educational process in the formation of sociability, reflects on the pedagogical role of the city as a space for generating knowledge, while at the same time pointing out the impacts of excess consumption on the development of human intelligence. Lipovetsky also deals with the creative city, a concept that reinforces the educational character of urban contexts.

Keywords

Gilles Lipovetsky; Education; Creative economy; Educative city; Consumerism

Introdução

“Devemos civilizar o consumismo. Devemos descentralizá-lo. Ele não deve ser mais o centro da vida, as pessoas não devem viver somente para consumir. Somos uma sociedade humanista e devemos desenvolver o homem na sua integralidade (...). A educação não deve ser pensada como algo secundário. Ela está no centro das oportunidades de amanhã. E as potências de amanhã serão desenvolvidas pelos pesquisadores, pelas universidades, pelos homens bem formados”. A visão é do filósofo francês Gilles Lipovetsky¹, autor de livros como *O império do efêmero – A moda e seu destino nas sociedades modernas*, *A era do vazio – Ensaio sobre o individualismo contemporâneo* e *O crepúsculo do dever – A ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lipovetsky destaca a importância da educação como um processo de formação da sociabilidade, ao mesmo tempo em que acentua que, na contemporaneidade, educar não está restrito às salas de aula, mas se expande para todo o contexto urbano e social. Nesse sentido, ele aborda a cidade como um espaço do conhecimento e se mostra preocupado com o papel atribuído ao consumo como um valor em si mesmo. Muito embora considere que não é possível (nem desejável) abolir o consumo, o filósofo está mais preocupado com os excessos que podem vir a bloquear o desenvolvimento da inteligência humana. Nas suas palavras, é necessário questionar as práticas consumistas, transformando-as e trazendo para o centro da discussão a educação e o conhecimento. Seu lançamento mais recente no Brasil, *Da leveza – Rumo a uma civilização sem peso*, aborda o culto contemporâneo à felicidade em contraposição à rotina acelerada dos tempos atuais. Nesta entrevista², Lipovetsky abordou a

¹ Gilles Lipovetsky. Filósofo-sociólogo. Conferencista. Membro do Conselho de Análise da Empresa (Primeiro Ministro).

Títulos e atividades: Professor Associado de Filosofia na Universidade Paris-Sorbonne (França). Doutor Honoris Causa pela Universidade de Sherbrooke (Canadá). Doutor Honoris Causa da Nova Universidade Búlgara (Sófia). Cavaleiro da Legião de Honra. Membro do Conselho Nacional dos Programas de Educação Nacional até 2005. Membro do Conselho de Análise da Companhia ao Primeiro Ministro. Consultor especialista no APM (Association Progress Management). Campo de pesquisa: as transformações de regulamentos, valores e comportamentos nas sociedades ocidentais desenvolvidas. Intervenções: Conferências e intervenções nos principais grupos industriais e bancários. Seminários e conferências sobre Ética Empresarial em grandes grupos industriais e bancários na França, Espanha, Canadá, Argentina e México. Seminários de pesquisa sobre individualismo, luxo, consumismo e estilos de vida contemporâneos em Madri, Barcelona, Universidade de Nova York, Montreal, Cidade do México, São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Singapura.

Obras publicadas: *A Idade do Vazio* (Gallimard, 1983); *O Império do Efêmero* (Gallimard, 1987); *O Crepúsculo do Dever* (Gallimard, 1992); *A Terceira Mulher* (Gallimard, 1997); *Metamorfoses da Cultura Liberal* (Liber, Canadá, 2002); *- O eterno luxo* (Gallimard, 2003); *Os Tempos Hipermodernos* (Grasset, 2004) *A felicidade paradoxal. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo* (Gallimard, 2006); *A sociedade da decepção* (Textuel, 2006); *A tela global* (Seuil, 2007); *Cultura Mundial – Resposta a uma sociedade desorientada* (Odile Jacob, 2008); *O Globalizado do Oeste* (Grasset, 2010); *A Estetização do Mundo Vivendo na Era do Capitalismo Artístico* (Gallimard, 2013). Os livros foram traduzidos para dezoito países.

Informações coletadas no perfil do LinkedIn do entrevistado. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/gilles-lipovetsky-50715012/>. Acesso em: 26 abr. 2018.

² A entrevista foi realizada à distância, via Skype, estando as entrevistadoras no Rio de Janeiro e o entrevistado em Paris, no dia 22 de outubro de 2017. O entrevistado recebeu as perguntas via e-mail, com a devida antecedência para se preparar para a entrevista. O conteúdo das perguntas remeteu à

relação entre cidade educativa e cidade criativa, a ecologia do espírito, o lugar da mulher, moda, aparência, felicidade, os paradoxos da era pós-moderna e as mudanças em torno do consumismo.

Contracampo: *Durante sua última conferência no Rio de Janeiro, em setembro de 2017, o senhor abordou os conceitos de cidade educativa e cidade criativa. O senhor poderia esclarecer qual é a relação entre esses dois conceitos e qual o impacto que eles têm sobre o desenvolvimento na vida?*

Sim, de fato, eu tratei essa questão, que me parece muito importante porque, na época da hipermodernidade, a educação não pode ficar reservada simplesmente à escola. Hoje, aprende-se em qualquer idade, e a escola é, evidentemente, central. Porém, existem novos problemas que fazem com que a cidade tenha um papel importante, principalmente em um nível mais elevado, favorecendo, evidentemente, o vínculo entre as universidades, favorecendo os laboratórios. Não se trata de dizer que a cidade torna-se um centro educativo, mas ela pode investir na área do conhecimento, colocando à disposição universidades, laboratórios de pesquisa... um conjunto de dispositivos. Este é o primeiro ponto. O segundo ponto, eu acho, é que temos, cada vez mais, dificuldades em relação às crianças com o que chamamos de fracasso escolar. E a cidade pode, também neste caso, ajudar o sistema educativo financiando, por exemplo, serviços de ajuda para as crianças em dificuldade.

A cidade também pode ter um papel muito importante para as populações de imigrantes que chegam, que não são alfabetizados, que não sabem ler, que não sabem escrever, e que são, quase sempre, adultos. A cidade pode ter um papel muito importante de socialização, pois isso a escola não pode fazer. E finalmente, o terceiro ponto, que me interessou na conferência, era sobre a arte, porque nesse caso, na escola tradicional, a criação artística é considerada como uma coisa secundária. E eu acho que isso é um erro. Na sociedade atual, as aspirações, a criação, são muito importantes. As pessoas querem se exprimir, elas querem fazer coisas que elas amam, e eu acho que, na escola, deve-se começar bem cedo a dar ferramentas para as crianças, para que elas possam ter uma prática artística. Desenvolver o gosto artístico, claro, com professores, mas, também aqui, a cidade pode ter um papel ativo, principalmente fazendo com que as crianças encontrem artistas da região, organizando exposições para a criação dos jovens. A criação artística é um ponto importante porque permite às pessoas terem auto estima.

palestra magna *Por Uma Educação Global*, que Gilles Lipovestky apresentou no evento Educação 360, ocorrido no Rio de Janeiro em 21 de setembro de 2017. A entrevista foi realizada em viva voz no idioma francês. Posteriormente, foi feita a transcrição e a tradução para o idioma português pela tradutora Ana Paula Vaz Corrêa Maia.

Quando você participa de uma exposição, quando você canta em um coral, quando você toca um instrumento, você faz aquilo que gosta. E isso é uma das maneiras para recuar o peso do consumismo. Eu acho que é importante desenvolver isso. A escola pode ter um papel ativo, as famílias podem ter um papel ativo, mas eu acho que as cidades, principalmente, organizando, colocando à disposição das associações lugares de exposição para os jovens criadores, [as cidades] também têm um papel importante. É uma maneira de dar dignidade às pessoas novamente. Vou dar o exemplo de Medellín. Medellín fez um trabalho importante na Colômbia facilitando a criação artística em zonas urbanas em dificuldade. Eu acho que não devemos ver a educação somente como educação para o trabalho quando somos adultos, mas, também, para termos uma vida mais rica, para o desenvolvimento pessoal. A educação é também a educação da pessoa para que ela possa ter uma vida que não seja somente uma vida de consumidor. E para evitar uma vida simples de consumidor, não é somente mudando os programas de televisão que iremos conseguir. Para isso, precisamos dar às pessoas ferramentas novas, outras ferramentas, e principalmente, ferramentas para a criação artística. Então, para mim, isso é um ponto muito importante. Escrevi um livro anterior que se chama *A estetização do mundo*, no qual eu mostro que, cada vez mais, existe uma vontade, uma ambição artística das pessoas. Fotografar, fazer vídeos, tocar música, dançar, tudo isso está, cada vez mais, disseminado. Então a escola e as cidades devem cuidar disso.

Contracampo: *No seu discurso, o senhor mencionou que nós estamos em uma transição cultural, indo na direção de uma ecologia do espírito. O senhor nota uma tendência contrária à cultura do consumo na sociedade contemporânea?*

Eu não disse que estávamos em um período de transição. Eu disse que esse período seria desejável para uma ecologia do espírito. Não é a mesma coisa. Mas acho que devemos ir nesse sentido, sim. Eu acho que é uma maneira de se opor à cultura do consumo, que não é ruim, que não é o diabo, mas que é forte demais, e não permite, eu acho, a satisfação da vida dos homens. Vê-se isso, cada vez mais. Se o consumo fosse suficiente para a vida, bom, não veríamos toda essa explosão de pessoas que fotografam, fazem vídeos, cantam em corais, que buscam muitas coisas. E eu acho que, com o aumento do nível cultural das pessoas, existe uma vontade de se distanciar do consumo. Em todo caso, é preciso trabalhar nesse sentido, e é nesse sentido que eu falei em ecologia do espírito, quer dizer, alguma coisa mais equilibrada. O consumismo não é ruim, mas ele é excessivo. Então, devemos contrabalançar as forças do consumismo, ir no sentido de uma ecologia do espírito. E então, para conseguir essa ecologia do espírito, acho que é

necessário investir na escola, na cultura, na cultura geral, nas humanidades e na arte. Acho que é isso que pode equilibrar a cultura consumista. Eu nunca considerei que o consumismo deveria ser abolido. Aliás, isso é estúpido, porque ele não vai desaparecer. Mas devemos civilizar o consumismo. Devemos descentralizá-lo. Ele não deve mais ser o centro da vida, as pessoas não devem viver somente para consumir. Somos uma sociedade humanista e devemos desenvolver o homem na sua integralidade. E o consumo não desenvolve o homem na sua integralidade. Ele desenvolve somente o lado consumidor. Mas o homem é mais do que o consumidor. É um homem que pensa, que cria, que age, que luta por justiça. Nós devemos desenvolver todas essas coisas. É isso que eu chamo de uma ecologia do espírito.

Contracampo: *O senhor disse não acreditar que a beleza salvará o mundo, como propôs Dostoiévski, mas a inteligência. Como isso pode acontecer em um mundo tão cheio de paradoxos?*

Eu quis utilizar essa expressão para mostrar tudo o que poderia nos separar da época do Iluminismo, quando alguém como Von Schiller pôde pensar que a educação artística permitiria reforçar a democracia, o espírito de liberdade. Eu acredito muito na educação artística, mas ela não é suficiente. Ela pode dar satisfações profundas na vida. Isso é muito, mas não resolve todos os problemas. Eu disse, na minha conferência, que teremos, em breve, dez bilhões de indivíduos no planeta. Dez bilhões. Dez bilhões que deverão ser alimentados. Como fazer? Como lutar contra a poluição e lutar contra o aquecimento global? Essas questões não serão resolvidas pela arte e pela beleza. O que eu chamo de inteligência, que é a razão, é a razão científica, claro, terá um papel capital para descobrir novos modos de produção e de consumo menos devastadores para o planeta. Será preciso descobrir tecnologias mais limpas, desenvolver energias renováveis, mudar, sem dúvida, nosso tipo de agricultura. Para tanto, são o espírito humano, a inteligência, a racionalidade científica que permitirão que isso aconteça. Não acredito, claro, que isso resolverá todos os problemas. Eu já deixei claro toda a importância que eu dedico à educação artística. Mas os problemas da humanidade de amanhã, os problemas de superpopulação, os problemas de poluição, todas essas questões exigem que consideremos a formação intelectual universitária, a pesquisa científica no mundo privado, mas também nas universidades, como prioridades, como oportunidades para o futuro. O investimento na inteligência humana é a oportunidade de amanhã. Não é como dizem certos intelectuais, que propõem o não consumo, que salvaremos o planeta. Acho que é uma utopia que se apresenta bem em círculos intelectuais, mas, na escala planetária, não tem força.

Na escala planetária, com continentes inteiros que ainda são pobres, nós precisamos investir nas ciências e nas técnicas. Mais uma vez, eu não estou defendendo o cientificismo, não digo que isso resolverá todos os problemas, mas é com a inovação que temos algumas oportunidades de resolver os problemas cruciais do futuro. Acho, então, que os Estados devem preparar o futuro favorecendo a inovação, a pesquisa, as universidades. Não se pode acreditar que resolveremos os problemas pela riqueza natural dos solos, das minas, do petróleo e de tudo isso. Daqui a cinquenta anos, isso ainda terá uma função, talvez, importante, mas o futuro está no desenvolvimento de tudo aquilo que favorece a criação dos homens. Você entende? Existem pequenos países, como a Coreia do Sul, como os países escandinavos, que têm resultados excelentes e, no entanto, não têm riquezas naturais. Veja o sucesso extraordinário que eles têm. Mas todos eles têm sistemas educativos muito ambiciosos. São os homens que criam a riqueza. Então, são os homens que devemos formar.

Contracampo: *Mas quem deve promover essas mudanças? O Governo? Ou as instituições de ensino e as empresas privadas?*

Enfim... eu não sou um completo liberal, eu não sou um ultraliberal. Eu acho que o estado tem um papel importante, principalmente, financiando os sistemas educativos. Eu não acho bom que a escola seja movida pela força do dinheiro apenas. Eu não sou contra as escolas particulares e nem as universidades particulares, e mais uma vez, nesse caso, eu acredito em um equilíbrio. É bom ter polos privados, mas eu acho que um polo público também deve existir, pois se não há um polo público, financiado pelo Estado, então a educação se tornará um privilégio dos ricos. Somente as crianças das famílias ricas poderão estudar. Então, isso é o contrário do espírito democrático. O Estado deve investir uma parte de seu orçamento na educação. Senão, somente o dinheiro permitirá a formação dos homens, e isso não é desejável.

Eu acho que, justamente para regenerar a classe política, será necessário que os partidos políticos tratem de maneira séria essa questão e façam propostas ambiciosas para que o estado invista na escola, no sistema educativo, nos salários dos professores. Na América Latina, os professores são muito mal pagos. Não se pode ter um bom sistema educativo se os professores não são respeitados e se eles não são bem pagos. Se não há bons professores, haverá muito desperdício de riqueza humana. É preciso ter corpos docentes como os que existem na Noruega, como os de Singapura, onde os professores são respeitados, são bem pagos, fazem cursos de formação. É um sistema importante atualmente. A educação não deve ser pensada como algo secundário. Ela está no centro das oportunidades das

sociedades de amanhã. Não é porque o Brasil tem a Amazônia e petróleo que o país vai se desenvolver corretamente. O país deve avançar em direção ao futuro investindo nas potências de amanhã. E as potências de amanhã serão desenvolvidas pelos pesquisadores, pelas universidades, pelos homens bem formados.

Contracampo: *A Economia Criativa é muito importante para a vida do Rio de Janeiro. Acreditamos que a partir da Economia Criativa pode-se transformar a cidade, sua vida, cultura e riqueza. De que forma economias emergentes, como o Brasil, podem aplicar os conceitos da nova economia para encontrar soluções para seus desafios de desenvolvimento? As práticas de coworking, compartilhamento e redes de colaboração se diferenciam do tradicional modelo de organização capitalista. Elas podem, realmente, trazer mudanças radicais ou serão absorvidas pelos modelos dominantes neoliberais?*

De fato, há uma nova economia, existe a economia do compartilhamento, a economia colaborativa, como se diz, a *sharing economy*. Este é um ponto muito importante. Eu acredito que ela vai continuar a se desenvolver, e esta economia contorna as redes tradicionais da economia capitalista. Mas eu não tenho a mesma visão, por exemplo, de Rifkin [Jeremy Rifkin, economista e teórico social estadunidense, cujo mais recente livro, *A sociedade do custo marginal zero*, sustenta que a era do capitalismo está sendo substituída por um novo sistema econômico, baseado nos bens comuns colaborativos, a partir do surgimento da "Internet das Coisas". Rifkin considera que a internet das comunicações, da energia e dos transportes converge para o estabelecimento de uma rede neural que acelera a produtividade e reduz o custo marginal de produzir e distribuir unidades adicionais de bens e serviços a praticamente zero], que vê nesta nova economia um rompimento importante que, no fundo, faria sair do capitalismo e até mesmo do consumismo. Ele diz que, finalmente, com a *sharing economy*, a propriedade é menos importante, as pessoas querem somente aproveitar as coisas, as experiências, a propriedade se torna secundária e que, talvez, sairemos do modelo do capitalismo. Eu não tenho essa mesma visão. Primeiramente, no contexto global, vejo que essa nova economia permitiu o aparecimento de verdadeiros gigantes que são gigantes do capitalismo. Airbnb, para a locação de imóveis, ou Uber, para automóveis, são empresas gigantescas, mundiais. Tudo funciona de maneira diferente, mas são economias, enfim, firmas, empresas do sistema capitalista. Nesse contexto, eu não vejo nenhuma mudança. Em segundo lugar, a nova economia transforma os consumidores? Na verdade, transforma as práticas.

Se você aluga um apartamento diretamente com o proprietário, não é o mesmo que pagar um quarto de hotel. Se você compartilhar um carro para ir até São Paulo, em vez de ir de trem ou de avião, isto é uma outra prática de consumo. Isto é inegável. Então, existe uma mudança. O problema é: isto prejudica a cultura consumista? Eu acho que não, de jeito nenhum. Além disso, nas pesquisas, vê-se que a principal motivação das pessoas, os consumidores, que utilizam estes novos serviços, graças à internet, é economizar. Então, eles querem economizar e porque eles querem economizar? Para poderem comprar outras coisas e não porque eles rejeitam o consumismo. Pelo contrário. É para continuarem a consumir que estes consumidores utilizam este novo circuito. Então, eu acho que é uma ilusão acreditar que estamos presenciando uma ruptura daquilo que chamei de hiperconsumo. Simplesmente, eu acho que o consumidor tem novas aspirações. Há um outro aspecto: nova economia é também uma economia limpa, uma economia sustentável. Bom, eu acho que muitos consumidores têm a exigência de consumir melhor. E consumir melhor não significa, necessariamente, menos. Eles querem consumir respeitando o planeta, com produtos mais saudáveis para a saúde. Isto muda, sem dúvida. Mas, ao mesmo tempo, querem continuar com suas paixões de consumidores. As pessoas querem ouvir música no Spotify com uma escolha ilimitada, elas querem viajar, elas passeiam, elas andam de avião. Mesmo que seja com companhias aéreas de baixo custo, elas andam de avião. Então, elas consomem. Mesmo que você utilize sua bicicleta em vez de usar seu carro, isso ainda é um ato de consumo. É um consumo menos poluente, isso é muito bom, mas ainda assim, é uma cultura consumista. Não há exceção. É preciso agir para se ter um consumismo mais limpo, mais responsável, mais ecológico. Mas, não acho que isto implique, necessariamente, no declínio das paixões consumistas. Estou convencido de que no futuro, as pessoas continuarão a querer consumir novidades, coisas novas, a ter novas experiências constantemente. Porque isto é inerente ao individualismo contemporâneo.

Contracampo: *O senhor é um filósofo que se renova e evolui como poucos nos dias de hoje. Porém, em seus livros existe um ponto imutável: a coexistência do positivo e do negativo como dimensões complementares. Para o senhor, quais seriam os paradoxos da era pós-moderna? Até quando o consumo continuará a garantir os prazeres? E qual é o lado negativo desses prazeres?*

A pergunta é muito extensa! Bom, o aspecto paradoxal, que eu tinha desenvolvido, é a ideia de uma felicidade paradoxal, ou seja, uma sociedade que promete, permanentemente, a felicidade, o bem-estar etc. O resultado final é que a vida se tornou muito difícil. Enquanto o consumo, em princípio, deveria tornar

nossas vidas mais fáceis, eu acho que vamos em direção a uma vida cada vez mais pesada. É por isso que eu escrevi um livro sobre a leveza. As pessoas querem ser mais leves, mas ao mesmo tempo, elas têm sempre mais objetos, elas sempre querem mais coisas e a vida fica mais complicada. Acho que ela é mais complicada porque não temos mais uma tradição forte. Somos forçados a refletir por qualquer coisa, a tomar decisões por qualquer coisa. Então, o paradoxo é que existem, cada vez mais, convites ao prazer e, ao mesmo tempo, existem, mais e mais, preocupação, questões, necessidade de reflexão das pessoas. Não vivemos em uma sociedade fácil. Tudo é complicado. As pessoas têm medo em suas vidas privadas, elas se divorciam, as relações com os filhos, a saúde... Há muita informação disponível e, então, as pessoas ficam preocupadas com o que comem, o que respiram, o que bebem. Todos estes problemas se tornaram emblemáticos. Mesmo que a sociedade de consumo se mostre uma festa, como uma distração permanente, isto é um grande paradoxo do mundo em que vivemos. O consumo vai continuar a garantir o prazer? Ele não o garante. Ele continua a oferecê-lo. Então, eu acredito que a oferta de consumo continuará. Estou convencido disso. O consumismo não vai recuar. Acho que o que eu chamei de hiperconsumo, seguramente, não está em declínio. Ele continua, mas sob uma roupa nova. Por exemplo, com a *sharing economy*, com a ecologia. São roupas novas. Mas continua. Neste aspecto, você perguntou sobre o ponto negativo do consumo. Acho que o ponto negativo é o excesso, não é o consumo. Porque o consumo traz muitas coisas positivas: ele traz informações, traz viagens, traz distração. Nem tudo é negativo. Mas, é negativo quando se torna o centro da vida. É isso que, no fundo, é negativo, e que faz com que algumas pessoas vivam para consumir. Como se consumir representasse tudo. E isso não é uma coisa boa. É negativo. Não é nesse sentido que se deve ir.

Contracampo: *Professor, o senhor evidenciou o caráter libertário da moda nos seus livros, como se a força da transformação gerada pela moda funcionasse como a porta da liberdade, a oportunidade para que o ser humano seja o que quiser por meio dela. A moda ainda mantém essa magia na sociedade hipermoderna, hiperconsumista, hiper-hedonista na qual as pessoas se constroem nos perfis dos sites de redes sociais?*

Mais precisamente, eu tentei mostrar que existem, na moda, faces paradoxais. Aliás, essa face paradoxal da moda já foi mostrada por Simmel, sociólogo alemão. Por um lado, a moda é conformista, então, não há liberdade. Mas, por outro lado, a moda muda os hábitos. Ela abre um leque de escolhas. Então, existem esses dois aspectos na moda. Por um lado e, aliás, pode-se vê-lo

observando as pessoas, existem aqueles que renunciam a sua liberdade. Os jovens, por exemplo, os adolescentes são totalmente viciados em marcas. Isso não é um sinal de liberdade. Isso é, ao contrário, uma forma de conformismo que é muito forte nos adolescentes. Todos eles querem, por exemplo, tênis Nike. Isso não é sinal de liberdade. Mas por outro lado, a moda, desde séculos atrás, mas principalmente nos últimos trinta ou quarenta anos, deixou espaço para a liberdade de escolhas. Por que? Porque ela multiplica os modelos. Atualmente, por exemplo, é muito difícil saber o que é a moda, pois existem tantos modelos diferentes... Tudo é possível. Então, a moda permite às pessoas, atualmente, escolher o que elas gostam, sem seguir uma moda muito regulada como acontecia no passado, nas camadas superiores da sociedade. Quando se estuda moda, é preciso estudar esses dois aspectos, essa tensão até um pouco contraditória. Existem esses dois aspectos. Por um lado, eu quis mostrar que a moda, atualmente, está em todo lugar, inclusive no consumo, nos objetos, nas viagens e, também, nos programas de televisão. A moda contribuiu para a sua liberdade, pois ela contribuiu para arruinar as grandes ideologias coletivas. O problema é que esse recuo das grandes ideologias políticas, que fizeram tanto mal ao mundo inteiro, não lhe permite formar sozinha os espíritos livres. Favorece os espíritos livres, mas não é suficiente. E por isso, volto na questão precedente, a escola é necessária. Se há somente pessoas que são obcecadas pela moda, não acredito que se possa ir no sentido da liberdade. Há um lado pobre. Se a liberdade é somente comprar marcas e escolher marcas... pode ser uma liberdade, mas é uma liberdade pobre. Não é uma liberdade satisfatória. Nesse contexto, o mundo da moda, atualmente, vai nesses dois sentidos. De um lado, ela prende as pessoas em um universo consumista que libera parcialmente os homens. Por outro lado, os sufoca. A outra questão que você aborda, a magia da moda, é mais ampla. A moda, como você sabe, nasceu no Ocidente no final da Idade Média. E a moda teve, no meio aristocrático e, depois, burguês, um enorme prestígio. Existia uma verdadeira magia na moda. E eu acho que esta aura mágica da moda está recuando no contexto da vestimenta. Acho que as mulheres estão menos obcecadas pela moda. Elas ainda se interessam pela moda, mas não como antigamente. Porque a aparência tinha uma importância enorme antigamente. A vida das mulheres eram os filhos, a casa e a aparência. Hoje em dia, não. Hoje em dia, as mulheres podem trabalhar, elas criam suas empresas, elas entram para a política, elas leem, elas criam, elas são artistas. Resumindo, a vida das mulheres tornou-se mais rica. Como a vida é mais rica, a moda é menos importante. As mulheres sonham menos com a moda. Elas gostam da moda, mas ela não tem a mesma importância do passado porque as mulheres têm, atualmente, a ambição de fazer alguma coisa de suas próprias vidas. E não

somente ser mães, ou somente criar os filhos. Elas têm ambições profissionais, criativas, políticas. Então, eu acho que isso é importante para entender o que mudou na relação com a moda. A individualização na moda se traduz, claro, de um lado, por mais escolhas. Pode-se usar roupas chiques, pode-se usar roupas *sexies*, pode-se usar *sportwear*, pode-se usar *streetwear*, pode-se usar roupas curtas, longas, pode-se usar roupas *vintage*. Existem muitas possibilidades e o estilo da aparência é livre. As pessoas são menos condenadas que antigamente. Mas existe uma outra individualização da moda. Eu vejo, por exemplo, que até os adultos, hoje em dia, usam camisetas com inscrições divertidas, com trocadilhos, com desenhos que fazem rir. Antes, dizia-se que isso era infantil, mas não estou convencido disso. Acho que é o contrário. Isso significa que a moda é secundária, divertida. E como não é nada de sério, pode-se sair com o Mickey ou o Donald estampado na camiseta. Isso não tem importância, porque o que é importante não é a aparência, não é a moda. O que é importante é o que você faz de sua vida. No passado, não. No passado, os burgueses deviam se vestir de maneira séria. Não se podia brincar com a moda. Então a individualização, hoje, é isso. Há mais liberdade, mais distanciamento, mais ironia. E, ao mesmo tempo, há menos magia. Sonha-se menos com a moda.

Contracampo: *Existe sempre a importância da aparência até aqui no Brasil, mesmo que não achemos a moda importante, o brasileiro se importa muito com a aparência...*

Você tem razão. A magia da moda, a magia, simplesmente, é menos importante, mas a aparência do rosto e do corpo é muito mais importante do que no passado. É por isso que a cirurgia plástica foi fortemente desenvolvida. Os cuidados para o corpo, o fitness, os exercícios, o fisiculturismo, todas essas coisas. É o corpo, como elemento da aparência, que é central. Foi o que eu quis dizer, quando falei sobre o recuo da magia da moda, eu falei da moda vestimentária. A aparência é, sem dúvida, mais importante do que no passado.

Contracampo: *Em seu livro A Terceira Mulher, publicado nos anos 90, o senhor apresenta uma espécie de versão 3.0 do que acha ser esta mulher. O senhor falou dessa mulher que trabalha e que consegue uma harmonia entre o trabalho e a vida. A pergunta é: já temos a versão 4.0, a quarta mulher? Ela já está pronta?*

Bom, não sei se é a quarta mulher, porque a terceira mulher, enfim, o que chamei de terceira mulher, é a mulher que reivindica uma liberdade em sua vida privada, o trabalho, os estudos e, ao mesmo tempo, que não renuncia ao papel da

tradição, ou seja, a centralidade da aparência, mas também os filhos, a família etc. Então, isso é o que eu chamo de terceira mulher. É essa combinação. Não estou falando em equilíbrio mas em combinação. A combinação dos novos papéis que lhe dão autonomia, a autonomia individual e, ao mesmo tempo, a persistência no contexto de uma divisão das funções de cada sexo. Eu não acho que isso esteja ultrapassado. Eu levo em conta dois tipos de pesquisa. Primeiro, as pesquisas sobre as mulheres no topo da hierarquia política e, principalmente, econômica dentro das empresas. Bom, vê-se que a desigualdade entre homens e mulheres ainda continua. Nos grandes grupos internacionais, ainda existe o *class sailing*, quer dizer, a barragem de mulheres no topo da hierarquia. Então, falar de uma quarta mulher, da mulher 4.0, é avançar muito rápido, porque as desigualdades ainda são extremamente fortes entre homens e mulheres, principalmente, nas esferas de decisão. Segundo, ainda existe uma distribuição desigual do trabalho de homens e mulheres no espaço doméstico, ou seja, em casa. Bom, veem-se somente as pesquisas, mas em todo o mundo, vê-se que não há muito avanço. São sempre as mulheres que continuam, massivamente, a investir muito mais tempo na organização da casa e no tempo dedicado aos filhos. A situação está avançando, mas não muito. São apenas alguns minutos a cada cinco anos. É muito, muito pouco. A terceira mulher, cujo modelo apresentei no meu livro, é a mulher indefinida. Ela deve construir sua própria vida, mas ela ainda a constrói sobre bases sociológicas bastante desiguais. E não vejo uma grande mudança atualmente. Em relação ao momento em que escrevi meu livro *A Terceira Mulher*, não existe uma verdadeira evolução, vê-se somente, talvez na esfera política, que talvez exista um pouco mais de mulheres nas esferas dirigentes. Aliás, eu disse ao final do livro, eu acreditava que a democratização dos espaços superiores no mundo político avançaria mais rápido do que no mundo econômico. Acho que isso é o que se vê. Então, acho que não é ainda a quarta mulher que estamos presenciando. Eu acho que a terceira mulher, descrita em meu livro, ainda está presente, e isso pode ser mostrado pelas pesquisas, mais uma vez, sociológicas, que apontam que as mulheres querem ter uma vida profissional, têm a liberdade de usar seus corpos, querem escolher a maternidade, elas se divorciam... Elas têm essa liberdade, mas ao mesmo tempo, elas ainda estão investindo mais do que os homens na casa, na aparência, elas ainda estão muito separadas das esferas superiores da sociedade, dos cargos de liderança. Então, nesse contexto, eu não vejo uma verdadeira diferença ou evolução. E não é porque, atualmente, existe a web que essa situação muda. Ela não modifica, fundamentalmente, esse dispositivo.

Contracampo: *Vou falar um pouco sobre o Rio de Janeiro porque estamos nesta cidade que tem certa singularidade. Gostaria de saber se, na sua opinião, o*

Rio deveria aproveitar melhor seus atributos, seu valor. É um lugar lúdico, com praias, com muitos prazeres, existe uma espécie de ode ao prazer nas ruas, as pessoas são felizes. E atualmente, o Rio, depois de ter vivido um período alegre e esfuziante, com grandes eventos acontecendo na cidade e atraindo milhares de turistas do mundo inteiro, vive uma fase, um momento muito difícil. O senhor acha que o Rio deve aproveitar melhor todas suas características culturais que, no momento, estão esquecidas para tornar-se uma cidade criativa, uma cidade que pode monetizar sua cultura? Qual é a sua visão?

Eu estou plenamente de acordo com seu ponto de vista. Eu acho que a cidade do Rio é, sem dúvida, uma das mais belas cidades do mundo com seu panorama natural. É uma paisagem geográfica excepcional, uma beleza fascinante, mas acho que só isso não basta. Ter praias lindas não é suficiente. O Rio deve se servir disso para propor outras coisas além da praia. Pois o prazer não é somente a praia. É o prazer da beleza em todos os sentidos. Não existe somente o fio dental das moças em Copacabana, não é somente a beleza do Pão de Açúcar. Essas são belezas naturais, mas existem outras. Eu acredito, principalmente, em um investimento importante da cidade na criação feita pela sua população nas ruas, nas manifestações culturais. É preciso que o Rio se torne uma cidade criativa propriamente dita. Criativa no sentido de atrair, claro, a pesquisa, mas que atraia também artistas para torná-la mais bela, mais exuberante. Você disse que o Rio é uma cidade feliz. Não tenho certeza. Existem milhões de pessoas que vivem nas favelas. Durante as Olimpíadas, o povo do Rio fez manifestações enormes, e eles tinham razão, para mostrar o escândalo que é gastar, eu acho, 12 bilhões nas Olimpíadas, enquanto não há um transporte público decente. É preciso que a cidade leve em consideração a vida cotidiana das pessoas e não somente fazer o marketing da praia. Isso faziam as cidades dos anos 60. Naquela época, bastava a beleza das mulheres e das praias. São 50 anos de atraso. É preciso antecipar o futuro. E o futuro é fazer com que o Rio se torne uma cidade atrativa, não somente pela praia ou pelo Carnaval. Isso não é suficiente. Existem milhões de pessoas que vivem no Rio. Essas pessoas aspiram ter qualidade de vida. E isso, eu acho, não é simplesmente ir à praia. Porque quando se vive em um ambiente urbano que não é bom, que é perigoso etc., não se pode aproveitar a vida. Eu acho que Medellín é um excelente exemplo para muitas cidades da América Latina. Ela era a cidade mais perigosa do mundo e tornou-se a cidade mais criativa do mundo. Este é um belo exemplo. Este é um belo ideal. Todas essas cidades têm um potencial extraordinário. O investimento na cultura me parece crucial para que o Rio seja outra coisa, além de um lugar turístico. Mas o turismo é necessário e não deve ser criticado. Porém, existem pessoas que moram no Rio. É preciso atrair o que há de

melhor para a cidade, atrair as classes criativas. É preciso chamar os artistas, todas as pessoas que trazem novidades, e não somente consumidores. Eu diria que a cidade deve atrair pessoas criativas, e não somente consumidores.